



3ª MOSTRA DE
CINEMA

Chica Pelega

edição quilombola





**CATÁLOGO DA 3ª MOSTRA DE CINEMA
CHICA PELEGA - EDIÇÃO QUILOMBOLA**

Coordenação editorial: Keythe Tavares
Projeto gráfico: Magalhães
Ilustrações: Magalhães, a partir da colagem de Kika Chmura e colaboração de Pamela Enmerich
Textos: Rudolfo Auffinger, Keythe Tavares, Vanda Pinedo, Pamela Enmerich, Sinclair Biazotti e Yasser S. Gonzalez
Fotografias: Janela Verde / Luana Callai
Revisão: Barbara Marins Pettres
Consultoria: Luana Fadani
ISBN 978-65-84848-07-8

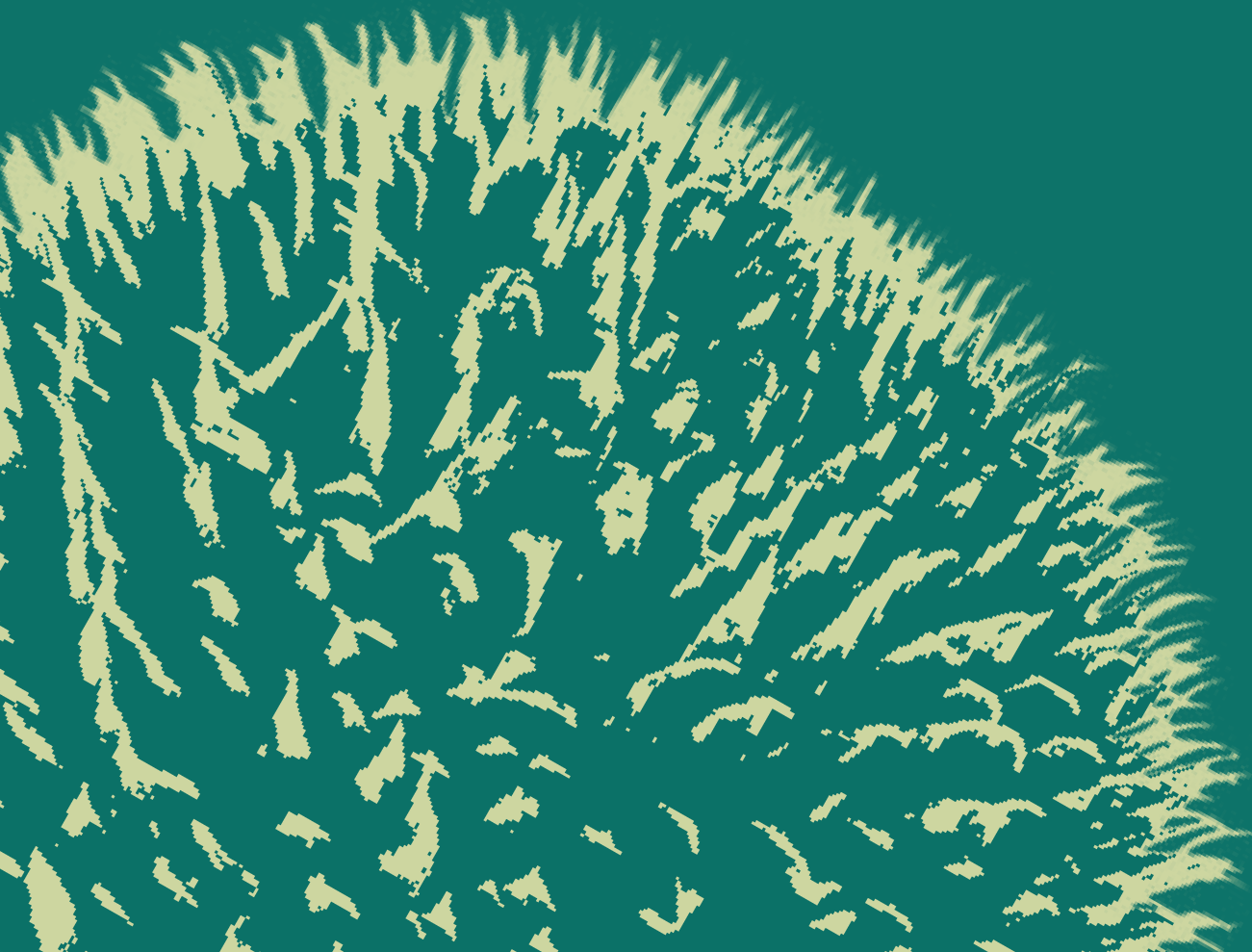
[cc] Pupilo TV

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite as autorias e não faça uso comercial.

chicapelega.com.br
instagram.com/mostra.chicapelega
youtube.com/@pupilo

SUMÁRIO

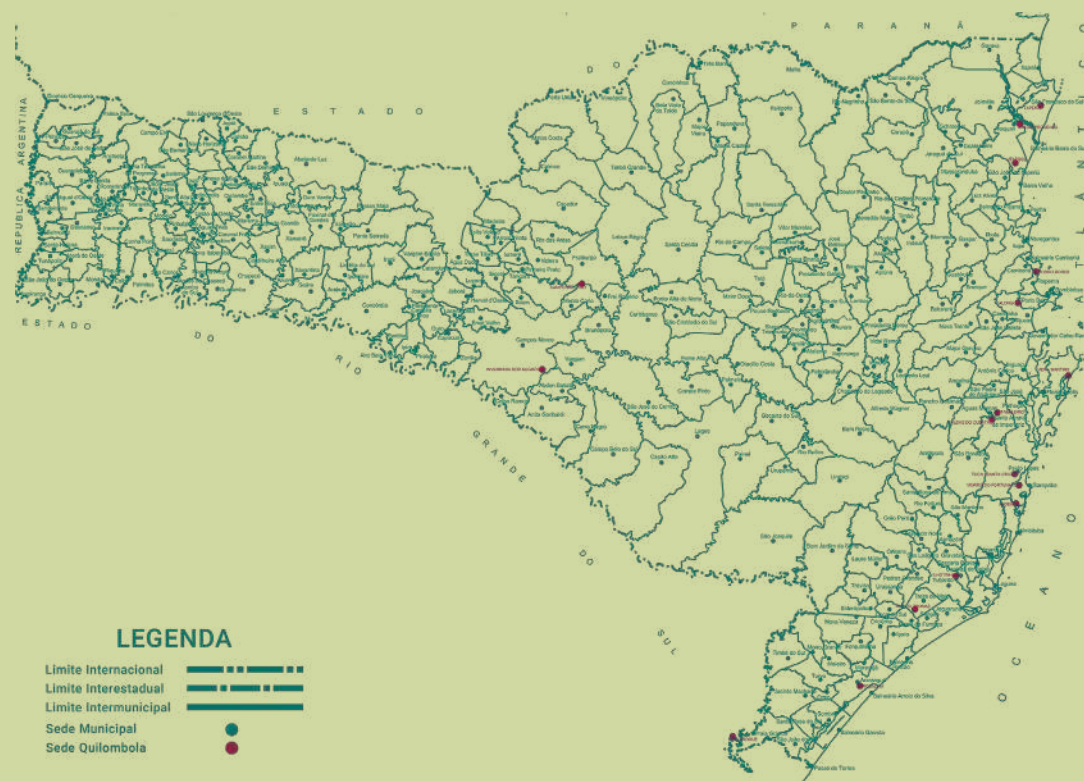
COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	7
APOIO CULTURAL.....	11
IDENTIDADE VISUAL	17
TEXTO DE CURADORIA	25
COMISSÃO QUILOMBOLA DE CURADORIA	29
OFICINA DE CINEMA O MINUTO QUE FOI	33
FILMES	37
PROGRAMAÇÃO	55





COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS





Os quilombos surgiram na época da colonização brasileira como resposta à violência praticada pelos portugueses e, depois, por seus descendentes, contra os negros que foram trazidos à força para o Brasil, vindos da África. Os primeiros registros desse tipo de formação datam da década de 1570. Além da fuga imediata da opressão, o surgimento dos quilombos também foi uma afronta ao sistema escravista que vigorava. Essa organização do povo negro ajudou, mesmo que lentamente, a inviabilizar o sistema escravocrata. As comunidades davam suporte para as rebeliões, incêndios em plantações e resgate de cativos, fatores que ajudaram na busca pela abolição.

Símbolo da resistência negra no período da escravidão, os quilombos contemporâneos sofrem com o legado de desigualdades deixado pelo período colonial. Isso por causa da falta de acesso à terra e a políticas públicas básicas como saúde e educação. Ao devolver as áreas à comunidade, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) busca estabelecer um procedimento de justiça e resgate das tradições das famílias que agora retornam às suas terras.

Atualmente, existem 3.524 comunidades quilombolas mapeadas no Brasil*. No entanto, estima-se que o número total pode chegar a 5 mil. No Estado de Santa Catarina, são 21 comunidades, localizadas em 16 municípios, com um total de 4.595 pessoas e 1.350 famílias**.

O projeto da Mostra Chica Pelega - Edição Quilombola foca nas regiões da serra e meio oeste catarinense, abrangendo os quilombos Invernada dos Negros e Campo dos Poli, divididos nas cidades de Abdon Batista, Calmon, Campos Novos, Fraiburgo, Matos Costa e Monte Carlo.

A **Comunidade Quilombola Invernada dos Negros**, situada nos municípios de Campos Novos e Abdon Batista/SC, foi a primeira comunidade quilombola do estado a receber a certidão de reconhecimento como remanescente de quilombo, concedida à Comunidade dos Herdeiros da Invernada dos Negros em 2 de abril de 2004, pela Fundação Cultural Palmares. Bem como foi o primeiro território quilombola a ser reconhecido, em 2008, pelo Incra em Santa Catarina. A comunidade possui suas próprias características, mas se aproxima de outras em questões como a liberdade e o acesso à terra através de testamento.

Nos relatos os membros da Invernada dos Negros comentam sobre a forma de uso das terras legadas. As terras de morar eram destinadas à construção de uma casa ou cabana. Já as terras de plantar se localizam mais distantes das casas. O trabalho era desenvolvido pela unidade familiar e a preparação da terra levava dias de trabalho intenso.

A chegada da indústria madeireira também foi relatada pelos descendentes dos legatários da Invernada dos Negros. Houve a instalação de inúmeras serrarias, o que afetou diretamente a forma de vida da comunidade. Na década de 1940 a indústria madeireira se consolidou em Campos Novos. A instalação das serrarias foi ocorrendo até mesmo dentro das terras da Invernada dos Negros. Os moradores contam que, segundo seus antepassados, “as serrarias iam chegando e iam se instalando”. Algumas foram feitas próximas às residências, outras dentro de seus próprios terrenos. Isso era conhecido como a “limpeza das terras”, e iniciava-se expulsando os quilombolas, destinando as melhores áreas para a venda e empurrando a população para terras de menor qualidade, extremamente acidentadas.

Os descendentes e legatários da fazenda São João viveram no período pós-abolição sem acesso a direitos básicos, como saúde e educação. Precisaram resistir para permanecer no território, com dificuldades que só aumentaram após a colonização e a “modernização”. Nesse caso, é preciso pensar que essa comunidade negra tem como especificidade o uso da terra associado ao seu passado, ao legado e ao parentesco entre os membros. Então a importância de recuperar esse território se faz extremamente necessária.

Ainda surpreende uma parte dos brasileiros a ideia de que, em tempos atuais, os quilombos existam. E não são poucos. Ao menos 6.000 comunidades em todo país se identificam assim. Umas já reconhecidas. Outras ainda estão em busca da oficialização do título do território, como é o caso do Quilombo Campo dos Poli.

A **Comunidade Quilombola Campo dos Poli**, em Monte Carlo-SC, foi certificada como remanescente de quilombo em 2007 pela Fundação Cultural Palmares. Segundo carta redigida pelo presidente da associação dos Remanescentes do Campo dos Poli, consta que os membros foram criados na localidade Campo dos Poli, em Monte Carlo, e que pertenciam à família dos Apolinários. O documento também menciona que, por volta dos anos 1940 ou 1950, foram expulsos por fazendeiros que chegaram na localidade, estando a área ainda em domínio de uma fazenda.

Segundo reportagem do Diário Catarinense, a ocupação do território remonta ao século XIX, sendo a região marcada pelo tropeirismo e pelo uso de mão de obra escrava. O nome do território quilombola seria “[...] a abreviação do sobrenome Apolinário, que identifica os antepassados. A reportagem menciona que a expropriação territorial e simbólica foi legitimada por meio de uma ação de usucapião, movida em 1949, que possibilitou a expulsão das famílias quilombolas e a extração de madeira nativa para fins comerciais. Inicialmente as famílias foram transferidas para outra localidade, próxima do Rio Taquaruçu, da qual jamais receberam a titulação e de onde também foram expulsas (Diário Catarinense, 2012). Apesar de reconhecida, a comunidade Quilombola Campo dos Poli ainda não está titulada.

*Conforme levantamento realizado pela Fundação Cultural Palmares.

**Dados da Gerência de Políticas para Igualdade Racial e Imigrantes (GEIRI) da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social (SDS).

Referências

- Manual Diálogos sobre a consciência negra, publicado pela Diretoria de Direitos Humanos (DIDH) Gerência de Políticas para Igualdade Racial e Imigrantes (GEIRI)

- <https://www.sds.sc.gov.br/index.php/direitos-humanos/gerencia-de-politicas-para-igualdade-racial-e-imigrantes-geiri/dados-2> /Acesso em 05 de abril de 2023.

- <https://www.ipatrimonio.org/monte-carlo-quilombo-campo-dos-poli/> Acesso em 12 de junho de 2023



APOIO CULTURAL





O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) é uma entidade formalmente criada desde 2003, com a finalidade de auxiliar a Universidade na produção e disseminação do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão, no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, promoção de igualdade e valorização das populações e origem africana e indígena.

O NEAB/UDESC, a partir do Programa Memorial Antonieta de Barros, com suas edições anteriores e demais atividades ao longo de 20 anos desenvolveu ações de extensão articuladas com o ensino e pesquisa a nível estadual, intercentros, interinstitucional e internacional.

Com a articulação das muitas atividades que foram desenvolvidas ao longo de sua trajetória, o NEAB/UDESC constitui-se como um espaço de interlocução e formação de professores e gestores, de disseminação de debates e estimulação da produção de estudos acerca das experiências históricas e educacionais das populações afrodescendentes no Estado de Santa Catarina; de aproximações do trabalho acadêmico de pesquisadores(as), professores(as) e alunos(as) com as atividades realizadas por instituições da sociedade civil; de debates internos na UDESC e externos sobre a constituição e consolidação de políticas afirmativas; e de re-

ferência ao acesso de produções e informações acerca da história da cultura africana, afro-brasileira, afro-catarinense e indígena, legislações e políticas públicas destacando a visibilidade de grupos que desenvolvem trabalhos com afinidade com essas temáticas.



O Movimento Negro Unificado de Santa Catarina é uma organização que atua no enfrentamento ao racismo há 30 anos no estado catarinense, e 45 anos no Brasil. O maior propósito do MNU é o enfrentamento ao racismo para emancipação e autonomia da população negra na luta de combate ao racismo.

Hoje uma das principais bandeiras de luta é a demarcação e desenvolvimento dos territórios quilombolas rurais e urbanos, assim como das periferias de Santa Catarina, onde se concentra a maior parte da população negra e pobre. Mas já tivemos forte atuação mais incisiva no movimento sindical, educação, juventude, transporte e comunidades e outras pautas nacionais. Nesse contexto, nossa atuação hoje passa de forma mais intensa pela formação de lideranças, pelo fortalecimento da luta pelo território, tendo a educação quilombola como mecanismo para garantir o acesso aos direitos e combater o racismo institucional e estrutural.

Segundo as palavras de Antônio Carlos da Silva, o Carlinhos do MNU, como é conhecido, o MNU em Santa Catarina tem uma história importante! Que iniciou com um negro argentino chamado Juan Carlos Pinedo Zelaya. Ele que já participava da luta negra desde a Argentina e Uruguai, através da luta contra o Apartheid na África do Sul e Libertação de Mandela, vem para o Brasil com o propósito de intensificar

seu compromisso com a luta de combate ao racismo, ação impossível de ser ampliada a partir dos países em que já havia conversado. Por ser o Brasil o maior país em dimensão geográfica e no contingente populacional de negras e negros, passa pelo Rio Grande do Sul e São Paulo, onde conhece o MNU e vem se estabelecer em Santa Catarina com o propósito de criar o MNU. É nas conversas e encontros no Mercado Público que se inicia essa construção. Foram se aproximando de outros negros e negras que tinham o mesmo perfil, a mesma história de luta e queriam fazer alguma coisa para enfrentar a situação vivida de sofrimento no país.

Isso era início dos anos 1990, em março de 1993 o MNU foi formado, a partir de quatro pessoas: Juan Pinedo, Antonio Carlos (Carlinhos), Luiz Domingues e Valdir Cachoeira. Atualmente o MNU é liderado por Luciana Freitas da Silveira, e conta com núcleos em construção em Araranguá e Garopaba. Contribui para a formação e construção sociopolítica de aproximadamente 10 comunidades quilombolas em SC, e integra como membro consultor a Federação Nacional das Associações Quilombolas.



APAFEC 21 anos

A Associação Paulo Freire de Educação e Cultura Popular - APAFEC é uma entidade sem fins econômicos, autônoma, sem vínculos com partidos políticos, igrejas ou grupos econômicos, e sustentada pela solidariedade. Os pilares dos ensinamentos do pedagogo/filósofo e educador Paulo Freire norteiam as ações da instituição, que surgiu na segunda metade de 2002 da preocupação social dos educadores Jilson Carlos Souza, João Ademir Cancilier e Emerson Souza acerca da realidade socioeconômica nos bairros periféricos de Fraiburgo e Região do Contestado. Atualmente, inclui nas suas ações de educação e organização popular crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Em quase 21 anos de atuação, destacam-se entre as ações: Projeto de Alfabetização Todas as Letras; Biblioteca Comunitária Alisson Zonta; Campanha em Prol da Construção do Centro de Educação, Cultura, Comunicação e Arte Popular – CECAP; Projeto Artesanato Cidadão; Projeto de Cultura Itinerante Mário Lago; Projeto de Inclusão Digital Florestan Fernandes; Projeto Esporte Bemlegal – PEB; Programa Cidadania Cabocla; Jornada Cabocla Chica Pelega; apoio ao Processo de Luta Pela Construção da Universidade Federal do Contestado – UNIFECON; apoio à Comunidade Quilombola Campo dos Poli; apoio ao Fórum Regional em Defesa da Civilização e Cultura Cabocla do Contestado; apoio à Rede de Educadoras e Educadores

Caboclos do Contestado; apoio à Mostra de Cinema Chica Pelega; e apoio à Associação Hayashi-há Vital Fraiburgo de Karatê-dô.

Pela seriedade do trabalho, a instituição já recebeu vários prêmios, entre os quais: Em fevereiro de 2014, recebeu a Moção de Reconhecimento e Parabenização à Biblioteca Comunitária Alisson Zonta da Câmara Municipal de Vereadores de Fraiburgo. Antes disso, em novembro de 2012, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina ofereceu-lhe a Comenda do Legislativo Catarinense.





IDENTIDADE VISUAL



BREVES PALAVRAS SOBRE A NOSSA IDENTIDADE VISUAL COMO PROVOCAÇÃO PARA UM OLHAR DETALHADO PARA A CULTURA QUILOMBOLA DO MEIO OESTE CATARINENSE

Quando se pensa na identidade visual de um projeto, cada item que compõe uma imagem está ali por algum motivo ou representa algo. Neste texto, você vai encontrar as motivações e alguns significados de nossa identidade visual para a 3ª Mostra de Cinema Chica Pelega - edição quilombola.

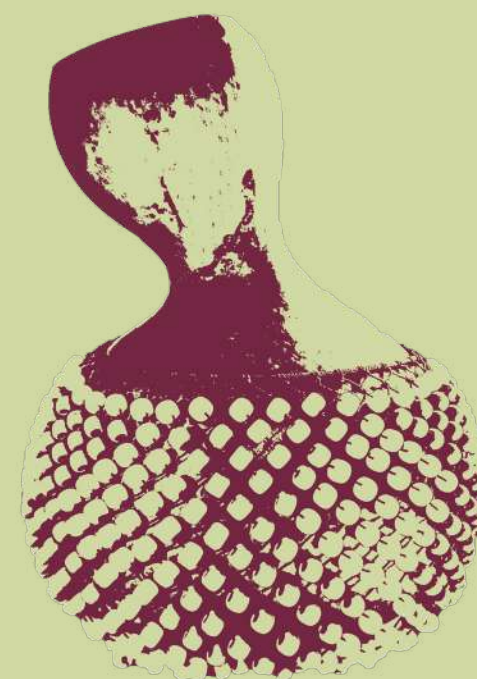
A partir da identidade visual criada pela artista Kika Chmura, para a segunda edição, neste ano buscamos elementos que representam as comunidades quilombolas. Alguns elementos da cultura quilombola foram acrescentados e também as imagens ganharam um aspecto mais gráfico. Sob a consultoria da Comissão Quilombola de Curadoria, Vanda Pinedo e da professora Luana Fadani e pesquisa de uma de nossas produtoras, Pâmela Enmerich, iniciamos o processo da busca das mudanças necessárias para a nova identidade. A designer Magalhães é quem uniu tudo e concretizou a identidade final que vocês viram por aí e também aqui neste catálogo.

Sabendo da riqueza e da importância da cultura quilombola na formação da história da região do Contestado e em busca de divulgá-la das mais variadas formas, caminhando na direção contrária do apagamento que acontece no nosso país, vamos conhecer um pouco sobre cada elemento da nossa identidade visual.



A **MULHER** que carrega o nome da mostra é Chica Pelega e nesta edição representa a população quilombola. A existência de Chica é, historicamente, posterior à formação dos quilombos, e o que aproxima esses dois acontecimentos é a luta pela terra, paz e liberdade. A jovem líder, com nome de Francisca Roberta, defendeu seu povo e sua terra em uma das maiores disputas de território do país, o conflito do Contestado. Ela permanece na história como uma lenda e não se tem registro de como era sua aparência, o que nos permite imaginá-la de diferentes maneiras a partir de sua personalidade cheia de força, determinação e coragem.

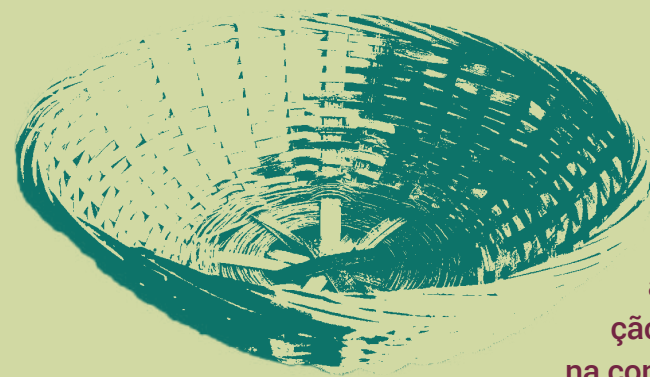
Nesta representação, ela segura uma **cabaça ou porongo**, item com diversos usos para a população quilombola. A cabaça é um fruto que traz em si utilidades cotidianas, em cerimônias religiosas, na arte, na música e pode nos surpreender sempre com seus múltiplos usos e sentidos. Faz parte de um universo amplo de práticas e tradições culturais da população quilombola e também indígena, tendo sua origem apontada para a África¹.



Podemos citar alguns dos usos, como recipiente para líquidos, tigelas, cumbucas, na fabricação de instrumentos musicais como atabaques, maracás, chocalhos, xequerês, berimbaus, dentre muitos outros. Na região do Contestado, assim como em todo sul do nosso país, a cabaça é passada de mão em mão na forma de cuia onde carrega o chimarrão, bebida à base de erva-mate, uma herança indígena tão popular e consumida por todos, que muitas pessoas não fazem a menor ideia de sua origem ou do hábito de uso.

Se a natureza, conforme sugeriu o antropólogo Claude Lévi-Strauss, constitui uma fonte inegável de recursos materiais, assim como um objeto de pensamento que se presta às mais ricas possibilidades, então a cabaça, em suas várias formas de ocorrência no território brasileiro, é, sem dúvida, um fruto bom para usar, mas também para pensar.²

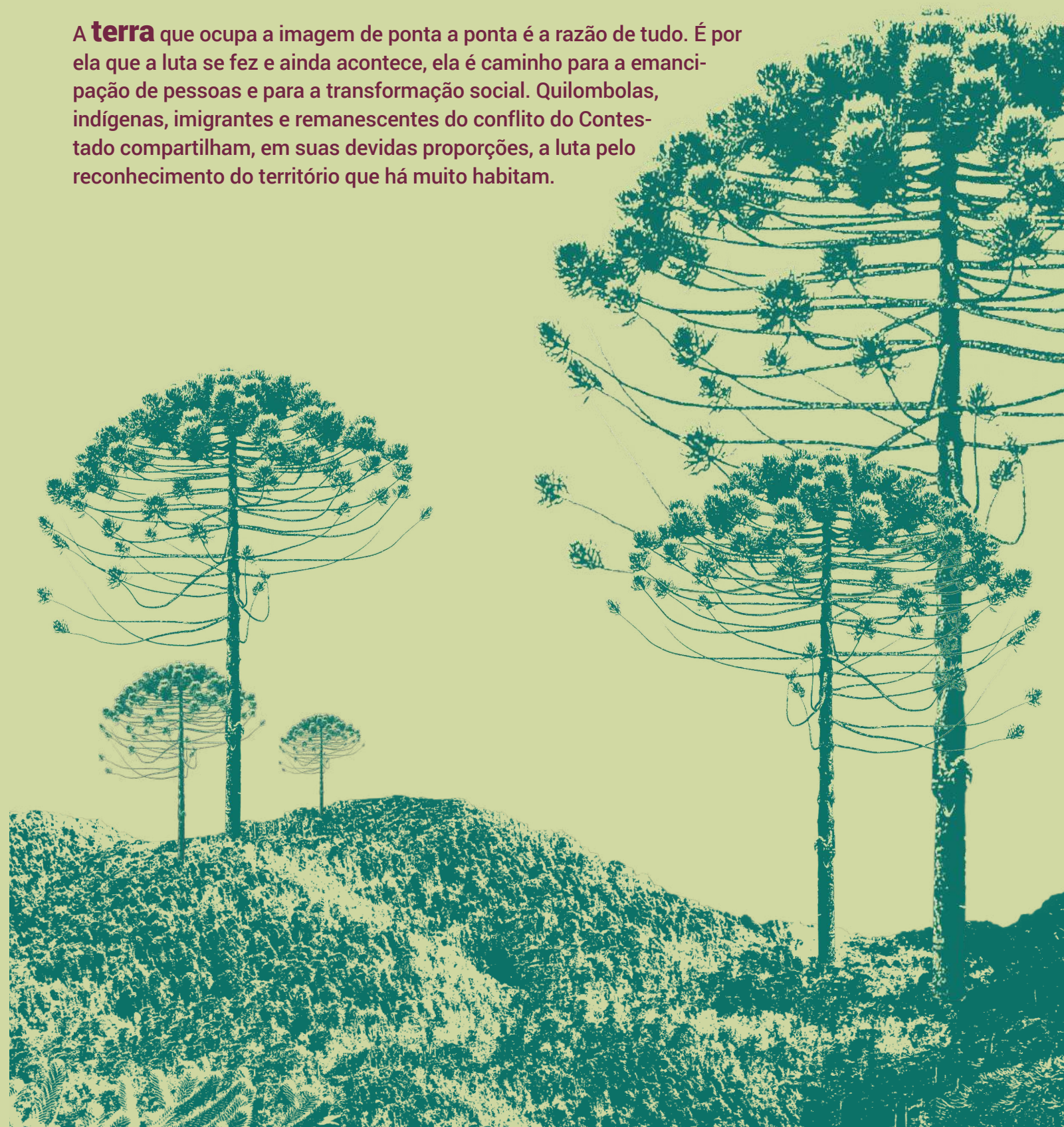
Uma **pulseira de lágrima-de-nossa-senhora** adorna o pulso da mulher, planta que carrega outros nomes também: capim-de-contas, contas-de-rosário, lágrima-de-jó, capim-rosário, capim-missanga, capiá, biurá, biuri... Muito popular entre quilombolas, indígenas e população rural, é utilizada de diversas formas. Na medicina nativa e ancestral é usada desde o caule até seus frutos, que podem ser também alimento, na forma de uma farinha nutritiva para preparo de pães, biscoitos e também outros pratos, como sopas e mingaus. A forma mais conhecida dos frutos/sementes é na confecção de terços e adornos, como pulseiras, braceletes, colares, objetos de arte e instrumentos musicais.



O **cesto** é feito de bambu taquara, uma espécie nativa exclusiva da América do Sul, é trançado artesanalmente e tem as mais variadas utilidades possíveis. O bambu taquara é usado em outras artes também e como matéria-prima para fabricação de ferramentas de trabalho e até como estrutura na construção de casas pelas comunidades quilombolas e povos indígenas.

Araucárias firmes se erguem imponentes e inconfundíveis sobre as montanhas. Com cerca de 200 milhões de anos, ela pode passar de 50 metros de altura e sua casca pode chegar até 18 centímetros de espessura. No Brasil, é encontrada majoritariamente na região sul, sendo através dos anos uma fonte essencial de cultura e alimento para povos originários e quilombolas. Suas folhas e cascas são utilizadas em rituais e práticas da medicina natural, já suas sementes comestíveis, os pinhões, são alimento nutritivo para pessoas e animais. É preciso pontuar que essa árvore lendária ocupa atualmente 3% de sua área original e corre risco de ser extinta como resultado da ignorância humana até 2070³. Conhecida como árvore do tempo dos dinossauros ou árvore fóssil, a araucária sem dúvida simboliza a cultura quilombola da região do Contestado por sua resistência, força e relevância.

A **terra** que ocupa a imagem de ponta a ponta é a razão de tudo. É por ela que a luta se fez e ainda acontece, ela é caminho para a emancipação de pessoas e para a transformação social. Quilombolas, indígenas, imigrantes e remanescentes do conflito do Contestado compartilham, em suas devidas proporções, a luta pelo reconhecimento do território que há muito habitam.



Outros elementos foram usados de apoio na composição de peças para a mostra. O primeiro deles é a pinha. A araucária não tem fruta, ela produz a pinha, podendo pesar até um pouco mais de três quilos, que guarda dentro dela até 100 sementes de pinhão, alimento essencial na culinária ancestral quilombola e indígena do Meio Oeste catarinense. Alguns dos preparos do pinhão são: em sopas, assado na chapa, como entrevero onde ele é misturado com carnes e preparado em disco de arado, cozido em água ou na famosa paçoca de pinhão, antigamente socada no pilão. Os pilões desta região, predominantes nas comunidades quilombolas antigas e atuais e também nos povos originários, são feitos geralmente a partir do tronco de árvores, usados com a finalidade de moer, misturar e descascar alimentos e nos lembrar a subsistência e a prática alimentar rica e ancestral.

Assim, o objetivo da identidade visual é disseminar e valorizar a cultura quilombola para que a região do Meio Oeste catarinense compreenda que a luta quilombola pela terra e pela existência é de todas as pessoas.

¹ <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/02/planta-da-cuia-de-chi-marrao-veio-boiando-da-africa-diz-estudo.html>

² <http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2005/04/05/da-cabaca-o-brasil-natureza-cultura-diversidade/>

³ <https://www.turistoria.com.br/araucaria>





TEXTO DE CURADORIA



CURADORIA DE FILMES DA MOSTRA DE CINEMA CHICA PELEGA - EDIÇÃO QUILOMBOLA

A Mostra Chica Pelega surge no contexto catarinense, no espaço chamado de Vale do Contestado. Hoje, mais do que nunca, é importante pensar de forma contemporânea no que significam os resquícios não só do conflito do Contestado, mas também do que o antecede, na história colonial do Estado de Santa Catarina.

Além da história do lugar é importante pensar nesse contexto e na ideia da autoidentificação quilombola cabocla, não como se tivesse meio que escamoteando uma identidade negra ou indígena que permeia no Meio Oeste catarinense, uma região extremamente racista, mas pensar de que forma nós podemos avançar nesse conceito e avançar nessa autoidentificação em todas as vezes que nos deparamos com as falas de indígenas nos contextos que trazem etnia e nas falas de remanescentes de comunidades quilombolas.

O que fica escondido neste codinome de caboclo? O que fica escondido na história? Que é por onde nós, às vezes, olhamos os materiais que apresentam e falam do estado do conflito e que a negritude e povos indígenas e demais povos ciganos não fazem parte deste contexto. Para estar nesse lugar, é preciso que estejamos nele identificados e trazendo o nosso processo identitário também de povos originários e povos africanos.

As identidades indígenas e negras de Santa Catarina foram apagadas e de forma proposital, o que quer dizer que elas não foram simplesmente invisibilizadas, elas foram realmente apagadas, tal como estabelece o pensamento da eugenia e limpeza étnico-cultural. A ponto que quando você chega em um outro estado que não seja da região Sul, as pessoas se espantam: “Como assim, tem quilombo?” “Tem indígenas em Santa Catarina?” “Como as pessoas negras estão colocadas nesse contexto?”

Então, quando encontramos a possibilidade de trazer à tona e de se fazer refletir sobre esse apagamento, esse racismo, essas violências, essas identidades que estão nesse estado, é uma possibilidade de avançar sobre as discussões. É uma possibilidade de colocar no cenário do debate as discussões que foram negadas, violentadas, tudo isso nós que vivemos até hoje. Esses cenários são muito potentes, muito importantes não só pelas questões que marcam o sofrimento dos povos, mas também para retomar práticas, lembrar elementos da cultura, a capoeira, os cantos religiosos, as sabedorias mantidas por pessoas mais velhas. E essa possibilidade aparece aqui utilizando o cinema como ferramenta, como uma linguagem possível para dar visibilidade e gerar conhecimento. Por isso, criamos a Comissão Quilombola de Curadoria e desenvolvemos um diálogo que pudesse ampliar os filmes sobre o Contestado, trazendo outras histórias de figuras negras pelas quais as comunidades se identificam em seus passados históricos e nos seus acontecimentos presentes, em seus contextos menores de comunidades e também em suas lutas maiores, nas semelhanças com outros contextos do país.

A Comissão iniciou seu trabalho em janeiro de 2023 e contou com integrantes que vivem em diferentes regiões de Santa Catarina: Alessandro Pereira, de Fraiburgo, onde está localizada a Comunidade de Campo dos Poli, Edson Camargo e Elizabete Aparecida de Lima (Bete Quilombola), da Comunidade de Invernada dos Negros em Campos Novos, Rosane Fernandes Ribeiro Paes (Jane) que está entre essas duas comunidades na cidade de Monte Carlo e Rafael Marcelino, jovem acadêmico da Comunidade Toca Santa Cruz, Paulo Lopes, e eu, Vanda Pinedo, que representa o MNU - Movimento Negro Unificado/SC, entidade de luta e combate ao racismo que mobiliza e constrói a luta pelo territórios quilombolas com as comunidades de remanescentes quilombolas em Santa Catarina

desde 2004. Foram diferentes reuniões, assistimos a muitos filmes a fim de selecionarmos 28 deles para compor uma programação, que fosse coerente com nossos anseios e multiplicidade de visões de mundo que permeiam as comunidades quilombolas.

Na tentativa de compreender a mostra e analisar os filmes importantes para a seleção final, buscamos algo concreto que pudesse trazer um pouco da realidade da luta quilombola no Brasil, do Contestado e das questões do estado de Santa Catarina com diversas perspectivas. A luta dos povos indígenas também precisava estar presente, pela forma como se organizam e promovem sua resistência. Ao pensar essas diferenciações na seleção, mostrar essas diferenças de lutas e de resistências pelo território, organizamos os filmes através de divisões em seis categorias curatoriais.

Na categoria Resistência SC, apresentamos as narrativas catarinenses do passado e do presente que norteiam as resistências diárias das populações remanescentes de quilombolas.

O que é um quilombo? Quem são os quilombolas? Quais os fazeres e saberes que permeiam essas relações? Quilombos no plural agrupa produções de diferentes regiões e traz as realidades diversificadas das comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil para responder essas e outras questões.

Visões do mundo ancestral reúne os simbolismos existentes no viver e conviver indígena. Nos filmes dessa categoria, podemos compreender elementos significativos, o existir e resistir dos povos originários.

Em Memórias vivas a proposta é dar visibilidade às pessoas e os desdobramentos contemporâneos da Guerra do Contestado. Quando se vive um conflito, quais são as memórias e realidades resultantes disso? Uma temática que atravessa passado e presente.

As lutas pelo bem da coletividade são gestadas, cuidadas e alimentadas como uma criança a ser direcionada para uma vida de prosperidade e alegria. O eixo Raízes em cena foca no papel das mulheres como genitoras, protagonistas e articuladoras da luta em diferentes cenários.

Assistir a essa seleção de filmes e até mesmo os filmes que não foram selecionados, foi uma experiência preciosa. O conteúdo da programação foi pensado com o cuidado de fazer com que as pessoas estejam interessadas e motivadas em assistir, porque isso vai ter a ver com a vida delas, seja a vida cotidiana, a vida de cultura ou de lazer.

As escolhas também foram feitas com o compromisso de tirar a comunidade quilombola e indígena desse lugar apenas de sofrimento. A luta é sim árdua, mas não é só isso, tem o lado dos encontros, do lazer, dos desafios e das experiências. A luta como um todo vira história, se transforma em arte, cultura, e pode num outro momento servir de perspectiva para outras comunidades acompanharem o que está acontecendo e como outras comunidades estão participando.

Por que realizar a mostra de forma ampliada através do on-line? A proposta de realizar a mostra de forma online veio com o intuito de alcançar além das duas comunidades que receberiam a mostra presencial, as Comunidades Remanescentes dos Quilombos Invernada dos Negros e Campo dos Poli, possibilitando que outras comunidades pudessem acompanhar os movimentos e trabalhos que essas duas comunidades do Meio Oeste e Serra catarinense estão fazendo para estimular o conhecer outros pontos de vista e perspectivas da cultura. Com um link nos comunicamos com pessoas de outros estados e até países.

Vanda Pinedo
Membra da Comissão Quilombola de Curadoria MNU - Movimento Negro Unificado de Santa Catarina



COMISSÃO QUILOMBOLA DE CURADORIA



ALESSANDRO PEREIRA

É chapeador e tesoureiro da Comunidade Quilombola Campo dos Poli. Responsável pela parte financeira da comunidade e também pela organização da educação, é casado com Cristiane Goularte e tem cinco filhos.



JANE FERNANDES

Descendente de escravizados, filha de Beatriz Fernandes Ribeiro e Alzemiro Fernandes, já participou por dois mandatos da diretoria da Associação Remanescentes Quilombolas seguindo os passos de sua mãe, que participava diretamente e igualmente sempre estando envolvida com a comunidade e seus projetos sociais e culturais. Luta diariamente para que a comunidade quilombola tenha visibilidade e para que as famílias mais carentes sejam amparadas pelo governo. Tem muito orgulho de ser descendente, pela luta e também pela força que a ancestralidade traz e quer que as histórias de sua comunidade sejam contadas.



BETE QUILOMBOLA

Remanescente do Quilombo Invernada dos Negros, filha de Sebastião Alves de Lima e Minervina Alves de Lima, neta de Maria Verginia da Silva, bisneta de Maria Veneranda Hipolito Caripuna e tataraneta de Damasia, uma das escravizadas da Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Como mulher negra e pedagoga luto diariamente para que a comunidade tenha acesso às políticas públicas e uma educação de qualidade. Participo desde menina da luta para que as amarras sociais se quebrem e enfim possamos ser protagonistas da nossa história.



RAFAELL MARCELINO

Atualmente cursa Artes Cênicas na Universidade Federal de Santa Catarina. Durante os anos tem desenvolvido trabalhos de maneira autônoma na área de edição de vídeos, fotos, criação de conteúdo digital em que foi responsável por toda parte audiovisual de diversos projetos, entre eles em estúdio de fotografia. Adquiriu também vasta experiência na parte de roteiro, fotografia, sonorização, direção e edição de filmes, atuando em projetos sociais, dirigindo, filmando e editando dois curtas-metragens. Sua principal habilidade é a capacidade de desenvolver projetos, escrever roteiros, dirigir sets de filmagens, desenvolver um pensamento de montagem em cinema nos mais diversos formatos audiovisuais.



EDSON CAMARGO

É chapeador e tesoureiro da Comunidade Quilombola Campo dos Poli. Responsável pelo financeiro da comunidade e também pela organização da educação, é casado com Cristiane Goularte e tem cinco filhos.



VANDA PINEDO

Natural de Pedro Osório/RS e residente em SC desde 1994, é mãe de Odu Keomy Gomes Pinedo e candomblecista de Nação Angola. Professora, aposentada da Rede Estadual de Educação, com Licenciatura Plena e Especialização em Plena Educação Física Escolar. Atualmente, é professora contratada da Rede Estadual na Educação Quilombola - Modalidade EJA. Também é militante do Movimento Negro Unificado/SC, integrante do Fórum das Religiões de Matriz Africana de Florianópolis e Região, membra do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional, secretária estadual de Combate ao Racismo do PT/SC, integrante da Velha Guarda da Unidos da Coloninha, faz parte do Grupo Musical Pastorinhas e é integrante e vocalista do Bloco Africatarina.





OFICINA DE CINEMA O MINUTO QUE FOI



O fazer cinema tem sido historicamente coisa da elite. Com muita luta e a criação de políticas públicas a cara de quem faz cinema hoje no Brasil vem mudando gradualmente. A cada ano mais e mais pessoas e grupos historicamente excluídos conseguem furar a bolha e fazer seus filmes. E é com o objetivo de cada vez mais furar essa grande bolha que recebi o convite da Mostra Chica Pelega de Cinema - edição quilombola para compartilhar as experiências acumuladas na minha caminhada no cinema com as Comunidades Remanescentes dos Quilombos Invernada dos Negros em Campos Novos/SC e Campo dos Poli em Fraiburgo/SC.

Dois finais de semana parece pouco, mas foi o suficiente para os participantes planejarem e produzirem seus próprios filmes. Ter a possibi-

lidade de ver cada pessoa trazendo sua potente experiência de vida nas conversas, discussões e depois impressa nos filmes produzidos, me faz continuar acreditando que é possível sim furar essa bolha e que nós somos capazes e precisamos contar nossas histórias por nós mesmos.

Fico feliz e sou grato pelo acolhimento que recebi, pelas trocas intensas e os aprendizados ancestrais carregados pelo povo quilombola. Tenho a certeza que estes serão, talvez, os primeiros de tantos outros filmes que serão produzidos por eles e que desejo tenha longa vida mundo afora.



Yasser S. González

Realizador audiovisual, professor e pesquisador, Yasser é formado pelo Instituto Superior de Arte (Cuba), Mestre em Antropologia Social pela UFSC (Brasil) com a pesquisa *Je est un autre: a construção da invisibilidade negra no cinema cubano* produzido pelo ICAIC. Ele ainda é membro do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas – NUER / UFSC. Atualmente trabalha como produtor, roteirista e diretor na Filmes de Apartamento, da qual é sócio-fundador.





FILMES



FAZER QUILOMBOLA

A categoria “Fazer Quilombola” exhibe os três filmes resultantes das oficinas de cinema “O minuto que foi” mediadas pelo cineasta Yasser Socarrás González como contrapartida da realização da mostra. As três narrativas trazem,

em poucos minutos, questões de vivências dos remanescentes quilombolas no Oeste e Serra de Santa Catarina, produzidas por integrantes das comunidades Invernada dos negros e Campo dos Poli.

Nos batuques dos tambores: o sonho de muitos



2023 / Ficção / 3min. / Livre / Invernada dos Negros, Campos Novos/SC

Direção

Alisson da Silva Caripuna, Bruno Ricardo dos Santos, Claudemir Aguiar, Elizabete Aparecida de Lima, Luciana de Fatima Aguiar, Libera Dalazen, Loreni Fraga de Jesus, Noeli Fraga de Jesus, Paloma Lopes Vicente, Valdinei de Lima e Waldeni Alves de Lima

Sinopse

Somos o continuar da história de nossos ancestrais, e a esperança de nossos filhos. A vida aos poucos vai nos ensinando uma verdade fundamental: sonhos, luta e resistência são o que nos fará chegar ao final do caminho com sucesso. Os “griots” (lê-se griôs) são considerados bibliotecas vivas de todas as histórias. Histórias que são passadas de uma geração a outra, através da “tradição oral”, ou seja, pela fala e oralidade, e não pela escrita. Assim, os griôs guardam e passam memórias, sonhos e ensinamentos que unem idosos, adultos e crianças, interligando passado, presente e futuro. Os griôs africanos contam, cantam, tocam instrumentos musicais e dramatizam as histórias que narram. Por isso, também são considerados artistas completos. O filme foi realizado a partir da oficina “O minuto que foi”, ministrada por Yasser Socarrás como parte da programação da 3ª Mostra de Cinema Chica Pelega - edição quilombola.

Luta e resistência - Invernada dos Negros



2023 / Ficção / 3min. / Livre / Invernada dos Negros, Campos Novos/SC

Direção

Claudemir Aguiar, Edson Lopes Camargo, Silmara Ferreira da Silva e Tauna Fernandes da Silva

Sinopse

Para viver na comunidade quilombola Invernada dos Negros se exige muita luta e resistência, principalmente para a realização dos sonhos de seus moradores. Sonhos que há muito tempo são idealizados, sonhos que seus ancestrais tinham e não conseguiram realizar. Com o passar dos tempos novas famílias quilombolas foram se formando e chegando na comunidade, trazendo com elas o desejo de plantar, produzir e construir suas moradas, para então assim mostrar que com luta e muita resiliência é possível realizar suas metas traçadas. O filme foi realizado a partir da oficina “O minuto que foi”, ministrada por Yasser González como parte da programação da 3ª Mostra de Cinema Chica Pelega - edição quilombola.

A luta de um quilombola polinário



2023 / Documentário / 4min. / Livre / Campo dos Poli, Fraiburgo/SC

Direção

Alessandro Pereira, Cristiane Goulart Pereira, Eduardo dos Santos Lima, Jilson Carlos Souza, João Carlos Rodrigues, Karine Coelho e Luiz Coelho

Sinopse

O filme retrata brevemente a luta de remanescentes do quilombo do Campo dos Poli, em Fraiburgo/SC. Cristiane Goulart é quilombola e conta sobre memórias que tem de seus avós e da família com a retirada do território. Alessandro Pereira, seu companheiro, complementa expondo a situação da educação quilombola e os desafios enfrentados por eles. Além do casal, João Carlos Rodrigues, membro da APAFEC, participa com suas considerações sobre a luta. O filme foi realizado a partir da oficina “O minuto que foi”, ministrada por Yasser González como parte da programação da 3ª Mostra de Cinema Chica Pelega - edição quilombola.

RESISTÊNCIA SC

Nesta categoria de filmes apresentamos as narrativas catarinenses do passado e do presente que norteiam as resistências diárias das

populações negras e remanescentes de quilombolas.

Antonieta



2016 / Documentário / 15min. / Livre / SC

Direção

Flávia Person

Sinopse

“Antonieta” é um documentário sobre Antonieta de Barros (1901-1952), mulher, negra, professora, cronista, feminista e que em 1935 se tornou a primeira negra a assumir um mandato popular no país.

Invernada do Negros



2021 / Ficção / 31min. / Livre / SC

Produção

Eduardo do Nascimento

Sinopse

O documentário conta brevemente a história dos quilombolas da Invernada dos Negros em Campos Novos, mostra aspectos da sua cultura e, principalmente, relata as lutas por acesso ao território e à educação. Produzido logo após a escola utilizada para educação quilombola no Invernada do Negros ter sido arbitrariamente demolida com todos os materiais dos estudantes dentro.

Pele Negra, Justiça Branca



2022 / Documentário / 27min. / Livre / SC

Direção

Valeska Bittencourt, Vanessa Rosa Gasparelo e Cinthia Creatini da Rocha

Sinopse

Resiliência, poética, silêncio e um grito abafado. Uma mãe negra separada de suas filhas pequenas. A violência empregada pelo Estado, que promove a ruptura dos laços afetivos de uma comunidade quilombola.

Invernada dos negros - fotografia e vídeo



2011 / Documentário / 29min. / Livre / SC

Direção

Daniel Herrera e André Constantin

Sinopse

No sul do Brasil, “invernada” é um tempo de inverno; lugar de aconchego para os rebanhos. Pela linguagem popular, a palavra migrou para um episódio raro do escravismo no país: a Invernada dos Negros – um reduto de afrodescendentes que mantêm viva a memória e a luta dos escravizados herdeiros de uma antiga fazenda do planalto catarinense. Fragmentos dessa impressionante história compõem o projeto de fotografia e vídeo intitulado Invernada dos Negros, premiado duas vezes no âmbito do Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras, da Fundação Palmares (2010-2012). O projeto vem gerando exposições e ações educativas por regiões e cidades brasileiras, mas encontra-se inédito no âmbito da tevê. A proposta é revisitar as imagens e sons dos personagens e lugares da Invernada dos Negros em um documentário para televisão. No centro da narrativa, está a ritualização da imagem fotográfica dos personagens da Invernada, tendo as memórias do lugar como enredos cruzados e subjacentes.

QUILOMBOS NO PLURAL

O que é um quilombo? Quem são os quilombolas? Quais os fazeres e saberes que permeiam essas relações? As produções desta categoria

de diferentes regiões trazem as realidades diversificadas das comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil.

Disque quilombola



2012 / Documentário / 13min. / Livre / ES

Direção

David Reeks

Sinopse

Crianças do Espírito Santo conversam de um jeito divertido sobre como é a vida em uma comunidade quilombola e em um morro na cidade de Vitória. Por meio de uma genuína brincadeira infantil, os dois grupos falam de suas raízes e revelam o quanto a infância tem mais semelhanças do que diferenças.

Nove águas



2019 / Ficção / 29min. / Livre / MG

Direção

Gabriel Martins

Sinopse

Em 1930, Marcos e seu grupo de descendentes de escravizados saíram do Vale do Jequitinhonha rumo ao Vale do Mucuri. Fugindo da seca, da fome e da violência no campo, os quilombolas buscavam um novo território para construir sua comunidade. Dos tempos do desbravamento aos atuais, a história de luta por água e terra é protagonizada pelos moradores do Quilombo Marques, no Vale do Mucuri, em Minas Gerais.

Eu Sou de Lá



2014 / Documentário / 25min. / 10 anos / SC

Direção

Sansara Buriti

Sinopse

Eu Sou de Lá apresenta um dinâmico diálogo de ideias e imagens que revelam diversos aspectos da vida de estudantes de países lusófonos da África dentro e fora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O filme é composto por entrevistas feitas pela diretora do filme e imagens captadas pelos próprios estudantes revelando seus sonhos, conquistas e desafios no Brasil.

A Sússia



2018 / Documentário / 17min. / Livre / TO

Direção

Lucrécia de Moura Dias

Sinopse

Ao som de caixas, pandeiros e bumbos, mulheres e homens de todas as idades cantam, tocam, batem palmas, dançam, recriam as tradições e recontam sua própria história na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.

Candombe do Açude: o passado contado pelo canto



2020 / Documentário / 29min. / Livre / MG

Direção

Danilo Candombe

Sinopse

Candombe do Açude - o passado contado pelo canto - é uma série de três documentários sobre o quilombo do Açude. O primeiro episódio - Pandemia - Isolamento ou Respiro - retrata sobre como foi o ritual do Candombe durante a pandemia no ano de 2020 e mostra como a nova geração vivenciou e sentiu a manifestação de suas tradições, pela primeira vez em 20 anos sem a influência de visitantes.

Black Out



2016 / Documentário / 13min. / Livre / PE

Direção

Crioulas Vídeo e Coletivo Asterisco

Sinopse

Quilombo de Conceição das Crioulas, Salgueiro, sertão pernambucano, nordeste do Brasil. Um filme sobre o invisível.

As contas do rosário



2020 / Documentário / 22min. / Livre / MG

Direção

Maycol Mundoca e Lugullar

Sinopse

Apresentação da trajetória do grupo de Manifestação Afro-Brasileira "Moçambique Zumbi dos Palmares", que anualmente se apresenta na Congada, um cortejo popular realizado há séculos por descendentes de africanos em solo brasileiro. O grupo se situa em um Quilombo Urbano de onde emanam narrativas contra-hegemônicas.

Sonhos de um negro



2005 / Ficção / 8min. / Livre / MG

Direção

Danilo Candombe

Sinopse

O filme se passa nos tempos de cativeiro, com a vida sofrida dos negros trabalhando aos olhos do feitor. Um sonho cheio de alegria e união. Um sonho de liberdade de um negro, que acorda com a dor de uma chibatada, mas que ainda assim espera sua libertação.

VISÕES DO MUNDO ANCESTRAL

Esta categoria reúne os simbolismos existentes no viver e conviver indígena. Através dessas produções, pode-se compreender elemen-

tos significativos, o existir e resistir desses povos.

Vãnh gõ tõi Laklãnõ



2022 / Documentário / 25min. / 10 anos / SC

Direção

Barbara Pettres, Flávia Person e Walderes Cocotá Priprá

Sinopse

Uma arqueóloga, um poeta, um pastor e kujá, uma professora e um rapper remontam a história do seu povo, os Laklãnõ/Xokleng, habitantes do sul do Brasil: o tempo do mato, a quase extinção, a retomada da língua e o protagonismo político contra o Marco Temporal.

Kaingang, herdeiros da teimosia



2015 / Documentário / 17min. / Livre / SC

Direção

Sandra Alves

Sinopse

Na região de Seara, no Oeste de Santa Catarina, os herdeiros do “cacique teimoso” João Maria Rodrigues lutam pelas terras do Toldo Pinhal, antes ocupadas pelo seu povo e tomadas pela frente colonizadora nas décadas de 1950 e 1960. A articulação entre diversas terras indígenas e a valorização da cultura dos povos originários tem fortalecido o movimento. Este vídeo foi elaborado para ampliar a compreensão da população regional a respeito dos direitos indígenas.

Mbyá Reko Pyguá - A Luz das Palavras



2012 / Documentário / 19min. / 12 anos / SC

Direção

Kátia Klock e Cinthia Creatini da Rocha

Sinopse

A sensibilidade do povo Guarani em educar as crianças permanece viva apesar das influências da sociedade contemporânea. Mas os caminhos e esforços dos líderes espirituais e professores indígenas são marcados por dilemas, buscas, encontros e desencontros. Este registro todo gravado em Guarani na Aldeia Yynn Moroti Wherá, em Biguaçu, Santa Catarina, no sul do Brasil, comprova: espiritualidade, simplicidade e verdade são palavras que traduzem “a luz” dos Guarani no seu processo de educação.

NHANDEREKO - comida e educação



2020 / Documentário / 60min. / Livre / SC

Direção

Gabriella Pieroni e Sandra Alves

Sinopse

A língua guarani não diferencia cultura de ecossistema, é tudo o sistema da vida e também um modo de ensinar. Explorando esta ideia o documentário Nhandereko - comida e educação viajou de sul a norte do Brasil junto a educadores do Slow Food Brasil, interagindo política e poeticamente com realidades que conectam alimentação, educação e transformação socioambiental. Comunidades tradicionais e de periferia urbana, acampamentos e assentamentos da reforma agrária, restaurantes, sítios agroecológicos, pontos de cultura alimentar, mercados, todos vistos como espaços educadores. Microrrevoluções que se apropriam do sistema alimentar como um caminho repleto de veredas para se ensinar de forma emancipatória e atraente, imersas num contínuo e sensorial processo educativo que tem na experiência e no afeto fontes sutis e potentes de transformação.

MEMÓRIAS VIVAS

Como se apagam as histórias de lutas de um povo? Diferentes realidades, muitos indícios, objetos e pessoas que vivenciaram e podem resgatar uma realidade através de suas lem-

branças. Esta categoria visibiliza pessoas e desdobramentos contemporâneos da Guerra do Contestado.

Vila Usina



2021 / Documentário / 9min. / Livre / SC

Direção

Elias de Lima Lisboa

Sinopse

O documentário ambienta a Vila Usina, uma comunidade em Caçador/SC, que vive sem as necessidades básicas de luz e água há mais de 20 anos, onde cerca de 200 pessoas vivem em busca de seus direitos e uma vida mais digna.

A carta histórica



2023 / Ficção / 5min. / Livre / SC

Direção

Arthur Luiz Peixer

Sinopse

“A Carta Histórica” é baseado no conto escrito pelo aluno do 9º 01 de 2022 da Escola Nucleada Municipal Jacinta Nunes de Rio das Antas/SC, Guilherme Pierdoná. A história versa sobre uma misteriosa carta escrita no período da Guerra do Contestado, narrando os acontecimentos desde a chegada da estrada de ferro até a vinda de um famoso curador de ervas eremita. Todo o filme foi produzido pelos estudantes da referida turma a partir do projeto “Curtas Contestados” do profº Arthur Luiz Peixer.

Lamento incontestável



2023 / Ficção / 5min. / Livre / SC

Direção

Arthur Luiz Peixer

Sinopse

O projeto “Ritmo Contestado” foi lançado em Março de 2022, resultado do EP de mesmo nome e da série documental que explica a inspiração do projeto no conflito sertanejo do Contestado ocorrido entre 1912 e 1916 na região sul do Brasil. A produção audiovisual com os alunos foi uma parceria entre o projeto e a banda, responsável pela arte. Trata-se de um retrato audiovisual de aprendizagem sobre o movimento do Contestado, evento ocorrido na região onde vivem os estudantes envolvidos no projeto.

A maravilha do século



2019 / Documentário / 87min. / 10 anos / SC

Direção

Marcia Paraiso

Sinopse

Conhecido como São João Maria, Monge ou Profeta João Maria no sul do Brasil, o italiano Giovanni Maria de Agostini aportou na América no final do século 19 e cruzou o continente a pé ou de canoa, se autodenominando solitário eremita. Viveu em cavernas e locais de difícil acesso e por muitos lugares por onde passou deixou uma herança de fé, propagou conhecimentos sobre ervas e ensinou uma religiosidade simples, bem distante dos dogmas da Igreja. “A maravilha do século” é uma busca por essa trajetória - parte dos caminhos trilhados e parte dos testemunhos de fé que permanecem vivos, passados mais de 150 anos de sua morte.

Sobreviventes de Taquaruçu



1985 / Documentário / 8min. / Livre / SC

Sinopse

O vídeo apresenta depoimentos de sobreviventes de Taquaruçu - Guerra do Contestado. O vídeo foi gravado e produzido em 1986 aproximadamente. Como estava em fita cassete, sua conversão teve a qualidade de imagem regular, mas é um excelente material de acervo histórico. Obs: As produtoras diligenciaram todos os esforços para identificação de autoria e estão à disposição das pessoas que eventualmente queiram se manifestar a respeito da licença de uso de imagens e/ou áudios reproduzidos nesta plataforma.

Vale da morte



2022 / Ficção / 13min. / 14 anos / SC

Direção

Marília Mingotti e câmera de Deiviane Velho

Sinopse

Tomé vive na linha tênue entre o amor e o ódio, no vale da morte encontra uma figura que lhe guia até o despertar. Curta de ficção resultado do Circuito de Artistas para o Contestado. Seleção Oficial do Florianópolis Audiovisual Mercosul - FAM 2022.

RAÍZES EM CENA

As lutas pelo bem da coletividade são gestadas, cuidadas e alimentadas como uma criança a ser direcionada para uma vida de prosperidade e alegria. Esta categoria focaliza

o papel das mulheres como genitoras, protagonistas e articuladoras da luta em diferentes cenários.

Arpilleras: atingidas por barragens, bordando a resistência



2017 / Documentário / 105min. / Livre

Direção

Coletivo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens- MAB

Sinopse

O filme “Arpilleras” conta a história de dez mulheres atingidas por barragens das cinco regiões do Brasil que, por meio de uma técnica de bordado surgida no Chile durante a ditadura militar, costuraram seus relatos de dor, luta e superação frente às violações sofridas em suas vidas cotidianas. A costura, que sempre foi vista como tarefa do lar, transformou-se numa ferramenta poderosa de resistência, de denúncia e empoderamento feminino. Por meio desse “fio” condutor, cada mulher bordou sua história, singular e coletiva, na respectiva região do mapa do Brasil. No final das filmagens, formou-se um mosaico multifacetado de relatos de dor e superação. Estes bordados, que segundo Violeta Parra “são canções que se pintam”, trazem ao público uma reflexão do que é ser mulher atingida. Se lá, no Chile, é seguir procurando suas memórias espalhadas como grãos de areia no deserto, aqui é buscar no fundo dos rios suas vidas alagadas, organizar-se, lutar e resistir.

Mulheres da Terra



2010 / Documentário / 22min. / Livre / SC

Direção

Marcia Paraiso

Sinopse

Mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina e suas relações com a agroecologia, as sementes crioulas e a preservação da vida.

Novo Mundo



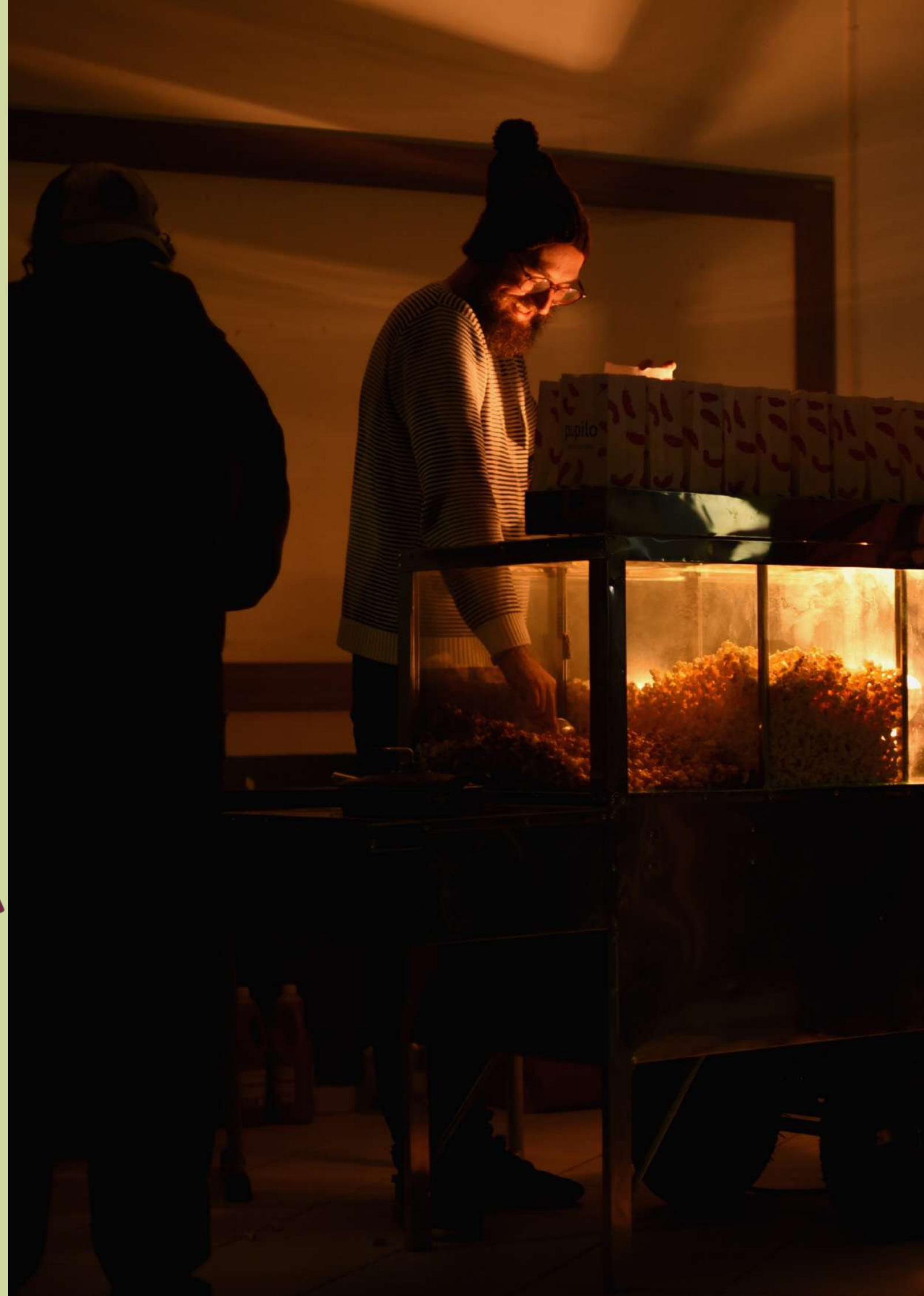
2020 / Ficção / 21min. / 10 anos / RJ

Direção

Natara Ney e Gilvan Barreto

Sinopse

Um paraíso para os olhos, a frase define o lugar de destino da personagem, A Terra Sem Males. Depois de caminhar por florestas e ruínas, ela percebe que aquele território foi erguido sobre o sangue de muitos povos. Esse conhecimento poderia deixá-la paralisada, criar medo, mas inspira atos de coragem.





PROGRAMAÇÃO



PROGRAMAÇÃO ONLINE

SAB 01
JULHO
19H30

SESSÃO DE ABERTURA

Conversa com Vanda Pinedo, integrante da Comissão Quilombola de Curadoria e do Movimento Negro Unificado (MNU/SC) e Lu kilombola (MNU/SC), mediada por Sinclair Biazotti

ASSISTIR

FILME DE ABERTURA

Disque quilombola

2012 • 13min • Livre

SAB 15
JULHO
16H00

LUTA QUILOMBOLA NA MOSTRA DE CINEMA CHICA PELEGA

Encontro com as lideranças das Comunidades Remanescentes dos Quilombos Invernada dos Negros e Campo dos Poli e com o cineasta Yasser S. González, que conduziu a oficina de cinema “O minuto que foi”, mediada por Edson Camargo (CECREQ/SC)

ASSISTIR

EXIBIÇÃO DOS FILMES

A luta de um quilombola polinário

2023 • 4min • Livre

Nos batuques dos tambores: O sonho de muitos

2023 • 3min • Livre

Luta e Resistência - Invernada dos Negros

2023 • 3min • Livre

SEX 28
JULHO
19H30

(RE)EXISTÊNCIAS E EMANCIPAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: MULHERES

Conversa com Maria Helena Thomaz e Adriana Ferreira da Silva (NEAB/Udesc) mediada por Escaley Mc.

ASSISTIR

EXIBIÇÃO DO FILME

Pele Negra, Justiça Branca

2022 • 27min • Livre

PROGRAMAÇÃO PRESENCIAL

SAB 07
JULHO
19H30

FRAIBURGO

E.M.E.F PROFESSOR EURICO PINZ, RUA GUIDO BRANDT, SN, SÃO MIGUEL

EXIBIÇÃO DOS FILMES

A luta de um quilombola polinário

2023 • 4min • Livre

Nos batuques dos tambores: O sonho de muitos

2023 • 3min • Livre

Luta e Resistência - Invernada dos Negros

2023 • 3min • Livre

Black Out

2016 • 13min • Livre

Novo Mundo

2020 • 21min • Livre

Disque Quilombola

2012 • 13min • Livre

SEG 10
JULHO
14H00

CAPINZAL

ESCOLA MUNICIPAL VIVER E CONHECER
ESCOLA MUNICIPAL IVO SILVEIRA
ESCOLA MUNICIPAL VILSON PEDRO KLEINUBING
ESCOLA MUNICIPAL ERNESTO HACHMANN

EXIBIÇÃO DOS FILMES

Antonieta

2016 • 15min • Livre

Kaingang, herdeiros da teimosia

2015 • 17min • Livre

Invernada dos Negros

2021 • 31min • Livre

TER 11
JULHO
08H E 10H

PROGRAMAÇÃO PRESENCIAL

QUA 12
JULHO
19H30

MONTE CARLO

E.E.B.M. ERCI DICK, RUA JOAQUIM CORRÊA DE MELO, 214, CENTRO

EXIBIÇÃO DOS FILMES

A luta de um quilombola polinário

2023 • 4min • Livre

Nos batuques dos tambores: O sonho de muitos

2023 • 3min • Livre

Luta e Resistência - Invernada dos Negros

2023 • 3min • Livre

Sobreviventes de Taquaruçu

1985 • 8min • Livre

Invernada dos Negros - fotografia e vídeo

2011 • 29min • Livre

Antonieta

2016 • 15min • Livre

QUI 13
JULHO
19H30

CAMPOS NOVOS

CEJA – ANEXO À E.E.B HENRIQUE RUPP JÚNIOR

EXIBIÇÃO DOS FILMES

Pele Negra, Justiça Branca

2022 • 27min • Livre

Invernada dos Negros - fotografia e vídeo

2011 • 29min • Livre

Vila Usina

2021 • 9min • Livre

PROGRAMAÇÃO PRESENCIAL

QUI 14
JULHO
19H30

CAMPOS NOVOS

SALÃO PINHEIRO CHATO, COMUNIDADE REMANESCENTE DO QUILOMBO
INVERNADA DOS NEGROS

EXIBIÇÃO DOS FILMES

A luta de um quilombola polinário

2023 • 4min • Livre

Nos batuques dos tambores: O sonho de muitos

2023 • 3min • Livre

Luta e Resistência - Invernada dos Negros

2023 • 3min • Livre

Invernada dos Negros - fotografia e vídeo

2011 • 29min • Livre

Vãnh gô tã Laklãnõ

2022 • 25min • 10 anos

Disque quilombola

2012 • 13min • Livre

A Sússia

2018 • 17min • Livre



FICHA TÉCNICA 3ª MOSTRA DE CINEMA CHICA PELEGA

Comissão quilombola de curadoria: Alessandro Pereira, Bete Quilombola, Edson Camargo, Jane Fernandes, Rafaell Marcelino e Vanda Pinedo

Coordenação de produção: Rudolfo Auffinger

Produção executiva da pré-produção: Pamela Enmerich

Produção executiva da pós-produção: Sinclair Biazotti

Assessoria de imprensa e Assistência de produção: Cristina de Marco

Assessoria de imprensa: Barbara Pettres

Coordenação de comunicação: Keythe Tavares

Comunicação visual: Magalhães

Making of: Elias de Lima

Fotografia: Janela Verde / Luana Callai

Vinheta: Vinicius Sartori

Ministrante da oficina: Yasser Socarrás González

Consultoria: Vanda Pinedo

Produção geral: Vilmar Sartori

Realização: VMS Filmagens e Eventos e Pupilo TV

Apoio cultural: Movimento Negro Unificado SC (MNU), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), Universidade do Estado de Santa Catarina e Associação Paulo Freire de Educação e Cultura Popular

Incentivo: Edital Elisabete Anderle de Apoio à Cultura, Fundação Catarinense de Cultura e Governo de Santa Catarina

Agradecimentos: Barbara Marins Pettres, Cristiane Goularte, Deiviane Velho, Escaley MC, Fernanda Silva Dias, Gabi Bresola, Grupo Baquetá, Gustavo Zardo, Kika Chmura, Luana Fadani, Lu Kilombola, Marcos Walickosky, Móveis Willy e Vini Sartori

Realização



Apoio Cultural



Incentivo



 @mostra.chicapelega

 /mostra.chicapelega

pupilo

CINEMA É EDUCAÇÃO



pupilo.tv.br

